

# CAMINHOS PARA A COMPREENSÃO DO FALAR RORAIMENSE: AVALIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DE COMO OS FALANTES “ACHAM” QUE FALAM<sup>1</sup>

Marcus Garcia de Sene<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste estudo é discutir caminhos para a compreensão do falar roraimense, considerando não como os falantes efetivamente falam (produção linguística), mas como eles acham que falam (percepção sociolinguística). Para isso, este estudo aplicou um questionário on-line no *Google Forms*, composto de quatro partes temáticas, que são: (i) questões que mobilizam crenças acerca da variedade dialetal, (ii) asserções para medir as reações subjetivas de como os falantes caracterizam a variedade roraimense, (iii) atitudes linguísticas sobre outras variedades dialetais brasileiras e (iv) perfil social dos informantes. Os resultados mostram que as avaliações sociolinguísticas dos sujeitos participantes da pesquisa indicam que o falar roraimense resulta da acomodação entre quatro grandes matrizes dialetais (amazonense, paraense, cearense e maranhense), isso porque tanto os respondentes tendem a afirmar que a região se caracteriza por uma “mistura de diferentes sotaques” desses lugares, bem como indicam como pistas linguísticas caracterizadoras do dialeto roraimense.

**Palavras-chave:** Avaliação sociolinguística; Falar roraimense; Região Norte

**Ways to understanding the Roraimense variety: sociolinguistic evaluation of how speakers "think" they speak.**

**Abstract:** The objective of this study is to discuss ways to understand Roraima speaking, considering not how speakers actually speak (linguistic production), but how they think they speak (sociolinguistic perception). For this, an online questionnaire was administered on Google Forms. This instrument is made up of four parts. Regarding the results, it is concluded

---

<sup>1</sup> Esse artigo deriva do período de estágio Pós-Doutoral realizado na Universidade Federal de Roraima sob a supervisão do Prof. Dr. Eliabe Procópio.

<sup>2</sup> Universidade de Pernambuco. Departamento de Linguística e Práticas de Ensino. Líder do Grupo de Pesquisa VAELP-TL (CNPq). Professor permanente do Profletras da unidade local da UPE/Garanhuns. E-mail: [marcus.sene@upe.br](mailto:marcus.sene@upe.br)

that the sociolinguistic evaluations of the subjects participating in the research indicate that speaking Roraima is the result of accommodation between four large dialectal matrices (Amazonense, Paraense, Cearense and Maranhense), this is because both respondents tended to inform that the region is characterized by a “mixture of different dialects”, as well as lexical items also common in other dialectal varieties that make up the region’s migratory scenario.

**Keywords:** Sociolinguistic evaluation; Speak Roraima; North region

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O interesse pela construção de uma fotografia do falar roraimense que considere aspectos históricos, linguísticos, toponímicos e sociais nasce com a iniciativa do projeto Retratos Linguísticos de Roraima (PV7238-2021 PRPPG/UFRR)<sup>3</sup>. Esse projeto ganha força ao considerar outros estudos sobre a região, especialmente aqueles que desenvolveram pesquisas que tratam sobre o contato entre línguas, a saber: Rodrigues (2013); Araújo e Bentes, (2018); Mesquita (2020), entre outros. Com base nessas pesquisas, algumas hipóteses sobre ‘como os roraimenses falam’ emergem, a exemplo da afirmação de Araújo e Bentes (2018, p. 587): “percebe-se inegavelmente uma semelhança com o falar maranhense, e isso sem dúvida, pela presença marcante de maranhenses no estado”.

Roraima é uma região conhecida pelo seu intenso fluxo migratório. Na década de 1970, por exemplo, chegam ao então território do Rio Branco, onde hoje situa-se Boa Vista, a capital da região, aproximadamente 11.729 imigrantes. Esse número aumenta vertiginosamente no final da década seguinte, com uma

---

<sup>3</sup> Este projeto encerrou sua validade e teve a continuidade de sua agenda neste novo projeto: Descrição e História do Português de Roraima (PVO546-2023), vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima.

chegada aproximada de 33.083 imigrantes. Esses imigrantes eram oriundos, principalmente, do Amazonas, Maranhão, Ceará e do Pará (Diniz, 2008). Considerando a realidade da região de Roraima, especialmente a de Boa Vista, a definição de como fala o roraimense não poderia seguir um protocolo sociolinguístico tradicional, uma vez que exigiria que os falantes entrevistados fossem obrigatoriamente nascidos em Roraima, o que ignoraria todo esse cenário migratório da região.

Para os estudos de primeira onda, a investigação da variação linguística de uma dada comunidade de fala é definida pelo linguista, não considerando as percepções gerais e as ideologias linguísticas dos falantes da região. Em outras palavras, as identidades dos falantes são definidas por meio de macrocategorias sociais, não se atentando, por exemplo, à agentividade dos indivíduos na construção de suas personas e seus papéis sociais. Nessa perspectiva de investigação, os pesquisadores, em geral, sempre iniciam sua pesquisa pela definição de qual variável linguística irão investigar, sem consultar, por exemplo, se são essas variáveis socialmente significativas no espaço social em que os falantes residem e, sobretudo, se compõem ou fazem parte de suas *performances* linguísticas.

Abordagens alternativas já são propostas para refinar o positivismo subjacente ao trabalho sociolinguístico de primeira onda em favor de filosofias interpretativas. Elas se constroem, essencialmente, na compreensão da variação linguística como prática social (Eckert, 2008), o que significa compreender não só como as pessoas produzem e fazem uso da língua nas práticas sociais diversas da sociedade, implica incluir, também, como os falantes percebem e interpretam o que está sendo dito ou, ainda, como eles avaliam, de modo geral, a língua em

uso (Campbell-Kebler, 2006; Oushiro, 2015; Mendes, 2018; Berlinck, Brandão, Sene, 2020; Sene, 2022, Sene, Biazolli, Brandão, 2023).

A esse respeito, Sene (2022) expõe a analogia de que do mesmo modo que um mapa não possui características suficientes para nos mostrar como é andar em uma dada cidade, os padrões macrossociológicos de variação também não revelam, explicitamente, o que os falantes, de diferentes perfis sociais, estão fazendo socialmente com determinados usos e recursos linguísticos (Sene, 2022). Uma compreensão mais completa dessa dinâmica deve, obrigatoriamente, incluir o uso da língua para além da produção linguística efetiva dos falantes, adentrando-se a como a variação é usada para construir diferentes personas e papéis sociais, bem como os significados sociais associados as diferentes formas linguísticas.

Por não ser a variação linguística um subproduto do fato de que os sujeitos fazem partes de um dado grupo ou comunidade, cabe às novas abordagens da sociolinguística incluir outros aspectos da dimensão social como as ideologias linguísticas e, sobretudo, de que modo os significados sociais são associados às pistas linguísticas. Declarações ideológicas sobre a língua do tipo ‘pessoas falam “melhor” do que outros, que algumas formas linguísticas são mais bonitas, valiosas e prestigiosas que outras e, ainda, que um dado falante não se sente pertencente a uma dada comunidade de fala, são mais do que simples metadiscursos sobre a língua em uso, são, na realidade, atos no mundo.

Um exemplo de como essas ideologias linguísticas ou até atitudes linguísticas podem influir decisivamente na manifestação da variação linguística foi observado por Labov (1966) em seu estudo de Martha’s Vineyard, sobre a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/. Esse estudo mostra que a centralização ou não dos ditongos depende da resistência dos nativos da ilha acerca das alterações que a ilha estava sofrendo. Tal aspecto indica, então, que muito mais que um

sistema heterogêneo e ordenado, a variação linguística também é um repositório de valores e significados sociais e culturais.

O objetivo deste artigo é estudar o falar roraimense. Sua metodologia, porém, não parte da variável para a comunidade de fala e, então, a definição dos fatores condicionantes da variação, mas sim da comunidade para a variação. Ao invés de começar investigando as formas linguísticas (ou a variação) e atestar, por meio de entrevistas sociolinguísticas, como estas são distribuídas entre os perfis sociais dos falantes, este estudo começa com a identificação de como os falantes acham que falam e, também, se sentem pertencentes à região que habitam para, posteriormente, discernir quais conjuntos de características linguísticas esses indivíduos veem como alternando significativamente em eventos de fala do cotidiano. Dessa forma, os investigadores potencialmente encontrariam agrupamentos de características linguísticas coocorrentes que se alternariam com formas contrastantes identificadas, por exemplo, numa entrevista sociolinguística. Com isso, a alternância entre ‘o que eles acham que falam’ e ‘como eles realmente falam’ apontaria para diferentes significados sociais.

O texto está estruturado, primeiramente, na discussão teórica sobre a questão da avaliação sociolinguística, discutindo a centralidade desse conceito para a compreensão dos correlatos subjetivos mobilizados pelos falantes/ouvintes acerca da variedade linguística compartilhada pelos membros da comunidade de fala. Na sequência, apresenta-se aspectos metodológicos da construção do questionário que foi utilizado para cumprir com o objetivo proposto neste artigo. Antes das considerações finais e das referências, o texto discute o perfil social dos participantes da pesquisa, bem como as reações subjetivas gerais dos participantes acerca de como eles acham que o roraimense fala.

## A AVALIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

Os trabalhos em Sociolinguística no Brasil, especialmente a vertente variacionista, têm se preocupado, em maior parte, com a produção e a descrição do funcionamento da língua em seus diversos contextos reais de uso, o que se torna um empreendimento de grande importância para o cenário nacional, dado que fornece subsídios para a compreensão da realidade sociolinguística do Português Brasileiro (PB). Todavia, para alcançar uma compreensão mais completa da dinâmica da variação linguística, ou ainda, a variedade dialetal de uma dada região é preciso não só entender como a linguagem está ligada ao espaço social na maneira como as pessoas falam, mas também depreender como os falantes da referida região acham que falam, além de quais avaliações sociolinguísticas eles fazem de seu próprio falar e do falar de outras regiões. É preciso incluir, dentro da agenda da sociolinguística, o cuidado com a percepção e a avaliação sociolinguística de como uma dada variedade, pista linguística ou até língua é ouvida e processada.

Não se pode negar que a questão da compreensão sobre como uma dada pista linguística é avaliada e processada já estava, de certa forma, no seio da empreitada dos estudos sociolinguísticos. Em um dos cinco problemas da Variação e da Mudança Linguística estabelecidos por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), o problema da avaliação foi estabelecido com base no interesse em investigar quais são os correlatos subjetivos mobilizados pelos falantes/ouvintes acerca da variedade linguística compartilhada pelos membros da comunidade de fala, visto que esta pode contribuir decisivamente para a propagação ou interrupção de um fenômeno sociolinguístico. Dito de outro modo, a preocupação com a avaliação dos falantes acerca de usos linguísticos

envolvia o interesse dos pesquisadores em identificar a propagação da mudança linguística, que poderia ter uma forma linguística barrada a depender das avaliações que incidissem sobre ela.

Também é possível atestar a centralidade da avaliação sociolinguística desde o primórdio dos estudos da variação quando se observa a definição de comunidade de fala (CF). Para Labov (2008 [19972]), uma CF não é definida por

nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas partilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de compartilhamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (Labov, 2008 [1972], p. 150).

A avaliação, como observa-se na citação acima, respeita o nível de consciência social ou a atitude social dos falantes de uma certa comunidade, em relação às formas linguísticas em variação, atentando-se que “valores sociais são atribuídos a regras linguísticas somente quando há variação” (Labov, 2008 [1972], p. 290). Assim, em linhas gerais, a avaliação sociolinguística, nessa perspectiva, relaciona-se com as atitudes sociais dos indivíduos frente a usos linguísticos diferenciados. As formas em variação são avaliadas com base nas categorias que elas assumem dentro do espaço macrossocial em que elas estão sendo investigadas.

Como espera-se, nos estudos de primeira onda, que a variação seja analisada com vistas a identificação do vernáculo dos falantes com base na atenção prestada à fala (Labov, 1972) e na identificação de macrocategorias sociais abstratas (classe, sexo, idade, escolaridade etc.), uma forma linguística é associada à noção de prestígio e estigma a depender se o falante que a usa tem mais ou menos escolaridade, bem como a depender do grau de atenção dada à fala. Nessa

perspectiva, uma forma que foge da prescrição normativa ou é recorrente na fala de indivíduos de baixa ou nula escolaridade sofre estigma, ao passo que as demais são associadas, em comparação, a usos mais prestigiosos.

A avaliação sociolinguística tende a atuar na hierarquização de diferentes valores atribuídos com base no eixo prestígio-estima, o que justifica a percepção de que os sujeitos tendem a associar alguns usos a um modo de fala ‘desagradável’ vs. ‘agradável’, ‘certo’ vs. ‘errado’, etc. Com base nessa questão, a avaliação sociolinguística é construída considerando duas dimensões formadoras: a “dimensão objetiva, que toma o fato linguístico como fonte reveladora do ato de avaliar (por exemplo, uma variante linguística); e a dimensão subjetiva, a qual toma como referência o falante (por exemplo, suas características sociodemográficas)” (Freire, 2016, p. 48).

Na terceira onda, “diferentes maneiras de dizer são entendidas como sinais de diferentes modos de ser” (Eckert, 2008, p. 456). Logo, a variação linguística deve ser entendida como uma prática social, o que inclui uma investigação multicamada em que se considera como os falantes, em diferentes práticas estilísticas, combinam variáveis na construção de tipos sociais diferentes ou, ainda, o efeito de papéis sociais e práticas performativas no comportamento de uma dada variável. Isso implica a ampliação da noção de avaliação sociolinguística, dado que, nessa perspectiva, a avaliação não parte, necessariamente, da linguística (na identificação da entidade sistêmica e abstrata da língua com a previsão de correlação entre estrutura linguística e social) para o social (com foco para a produção do conhecimento como prática social, sendo a variação um sistema sóciosemiótico permeado de prática social).

A avaliação sociolinguística pode, para além do eixo estigma-prestígio, auxiliar na compreensão de significados sociais e, sobretudo, como esses



significados podem abarcar “desde identidades geográficas (como ser paulista, nordestino, gringo, etc.) ou de grupos sociais (gays, jogadores de futebol, nerds, patricinhas, etc.) até a atribuição de características pessoais aos falantes (ser pedante, culto, honesto, sofisticado, etc.). Tais significados são sempre múltiplos e concomitantes” (Oushiho, 2021, p. 318). A ampliação da noção de avaliação torna-se evidente quando se compreende que, na perspectiva da primeira onda, desde que os sujeitos avaliem de maneira homogênea um determinado recurso linguístico, ou ainda, compartilhem padrões uniformes de variação, eles serão considerados pelo analista como pertencentes a uma identidade comum – como a identidade roraimense, por exemplo.

Na terceira onda, os sujeitos não são subprodutos do meio e, conseqüentemente, suas avaliações também não o são. Os falantes precisam se sentir compartilhando valores e negociando identidades, já que a definição do que é soar roraimense, em termos linguísticos, depende do sentimento de pertencimento/não pertencimento local, algo, portanto, dado pelo cidadão e não pelo analista. Ademais, ao se considerar que a prática avaliativa é frequente em diversos contextos da sociedade, esta incide, então, sobre os múltiplos comportamentos sociais. Com isso, cabe-nos compreender não apenas como as pessoas estão usando a língua efetivamente do ponto de vista da produção sociolinguística, cabe-nos, igualmente, debruçar-se sobre as avaliações subjetivas que emergem com base nas diferentes pistas linguísticas com as quais os falantes interagem e, igualmente, sobre quais são os significados sociais indicados pelos próprios falantes quando indagados sobre suas próprias variedades dialetais.

Por fim, a avaliação sociolinguística não ocorre apenas quando um item linguístico é colocado na dimensão avaliativa de modo que os falantes possam apreciá-lo, ela também se dá na compreensão dos conjuntos de crenças sobre

uma dada língua ou variedade dialetal que um grupo de falantes possui, incluindo, igualmente, a sua própria variedade dialetal. Esse processo avaliativo é produtivo porque reflete ligações (ou significados) que associam grupos sociais, identidades geográficas e outras características relevantes à dimensão dialetal. São essas avaliações que possibilitam identificar quais pistas linguísticas são reconhecidas pelos usuários como pertencentes a sua variedade dialetal e quais pistas eles tendem a não as identificar como relevantes para o falar da região, especialmente quando há hierarquização entre como fala uma dada região em contraste com outra.

## O QUESTIONÁRIO<sup>4</sup>

Com vistas a contribuir na construção de uma fotografia do falar roraimense, esta pesquisa elaborou um questionário on-line para coletar dados sobre como “como os roraimenses acham que falam”. Os resultados desse questionário serão cotejados a outros obtidos, por exemplo, por meio entrevistas sociolinguísticas.

As perguntas do questionário foram desenvolvidas de modo que os falantes pudessem expor suas avaliações sociolinguísticas, construídas com base em suas crenças e ideologias linguísticas. Antes de qualquer análise de produção sociolinguística, este projeto planeja reunir quais formas linguísticas são, na opinião dos próprios moradores da região, salientes na comunidade, bem como a identificação deles com a região e o modo de falar da mesma.

---

<sup>4</sup> A motivação para a elaboração da presente pesquisa surgiu a partir do projeto orientado pela Profª. Dra. Raquel Freitag, intitulado ‘Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil’ (CNPq 14/2013), baseando-se mais especificamente na pesquisa de Freitag et al. (2016).

O questionário foi construído em 4 partes. A primeira conta com perguntas que visam mobilizar os modelos culturais (Feltes, 2008) a que os falantes da região se alinham, além de buscar pistas linguísticas que eles creem ser caracterizadoras da região.

**Figura 1** – Crenças linguísticas (Parte I)

The image shows a digital questionnaire interface with a purple header labeled 'Pesquisa'. It contains three distinct question blocks, each with a question and a text input field labeled 'Sua resposta'.

**Pesquisa**

Para você, como fala um roraimense típico?

Sua resposta

Cite alguns elementos linguísticos (palavras, frases, sons etc.) que você considera como típicas do português de Roraima

Sua resposta

Para você, com qual (ou quais) estado do Brasil o falar de Roraima se parece?

Sua resposta

**Fonte:** elaborado pelo autor.

A segunda parte (figura 2) tem o objetivo de extrair as reações subjetivas e atitudes linguísticas dos respondentes por meio de um questionário composto por escalas de diferenciais semânticos (Osgood, 1993). Os pares de adjetivos que compõem essas escalas são: conhecido/desconhecido, importante/sem importância, expressivo/inexpressivo, simples/complicado, claro/confuso, chiado/não chiado, cantando/não cantado, agradável/desagradável, bonito/feio e rápido/lento. Esses adjetivos compõem eixos de diferenciação social (Gal, 2016, 2019) que são contrastantes e complementares “e que se definem, então, um em

relação ao outro em um imaginário sócio-histórico ocidental” (Sene, 2022). Em outras palavras, esses eixos são ao mesmo tempo contrastantes e complementares, já que nem sempre algo que não é simples, é complicado, nem o inverso é verdadeiro. Porém, em termos sócio-históricos, esses eixos são equacionados um em relação ao outro, definindo-se ideologicamente como o que o outro não é. Logo, se algo é não simples, portanto, é complicado.

**Figura 2 - Reações subjetivas (parte II)**

Você acha que o falar roraimense é

	1	2	3	4	5	6			1	2	3	4	5	6	
Conhecido	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Desconhecido	Simples	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Elaborado

---

	1	2	3	4	5	6			1	2	3	4	5	6	
Importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Sem importância	Claro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Confuso

---

	1	2	3	4	5	6	
Expressivo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Inexpressivo

**Fonte:** elaborado pelo autor.

A terceira parte ainda tem o seu foco nas reações subjetivas dos respondentes, afinal, traz questões sobre a associação geográfica do falar local pelos roraimenses. O propósito é verificar, por exemplo, com quais regiões o falar roraimense será associado. Esse tipo de questionamento se justifica devido ao fato de que a região de Roraima, além de ser uma região de ocupação recente,

destaca-se na sua constituição, já que o número de migrantes de outros estados é demasiado.

**Figura 3 -** Reações subjetivas e atitudes linguísticas (parte III)

O falar roraimense se parece com o falar da região Norte (AC, AP, AM, PA, RO, RR e TO)



O falar roraimense se parece com o falar da região Nordeste (AL, BA, CE, MA, PB, PE, RN e SE)



O falar roraimense se parece com o falar da região Sul (PR, RS e SC)



O falar roraimense se parece com o falar da região Sudeste (ES, MG, RJ e SP)



**Fonte:** elaborado pelo autor.

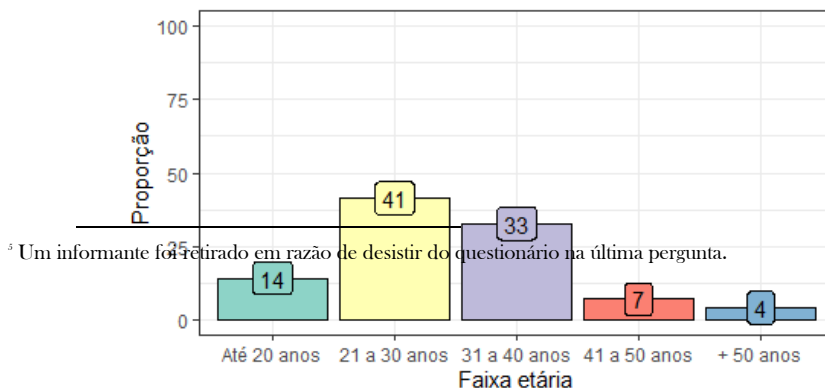
A última parte do questionário solicita dados balizadores que caracterizam socialmente os respondentes do questionário, a saber: tempo de residência em Roraima, autoidentificação como roraimense, origem dos pais e tempo de residência deles em Roraima, idade, gênero, estado civil, origem do cônjuge, escolaridade, profissão e origem. Esses dados serão cotejados com as respostas apresentadas pelos próprios participantes.

## PERFIL SOCIAL DOS RESPONDENTES E QUESTÕES METODOLÓGICAS

Para conhecer as avaliações sociolinguísticas dos roraimenses sobre “como eles acham que falam”, este estudo aplicou um questionário virtual, do qual participaram 71<sup>5</sup> informantes, moradores de Boa Vista, capital de Roraima. A plataforma usada para elaboração do questionário foi a *Google Form*, a aplicação compreendeu o período de novembro a dezembro de 2022. Todos os dados foram analisados com auxílio da linguagem de programação R (Core Team, 2023).

Em média, conforme gráfico da figura 4, a maioria dos respondentes possui faixa etária entre 21 e 30 anos (41%), ao passo que a segunda faixa etária mais presente era de 31 a 40 anos (33%). Os falantes acima de 40 anos são em menor quantidade, perfazendo, conjuntamente, apenas 11% dos respondentes.

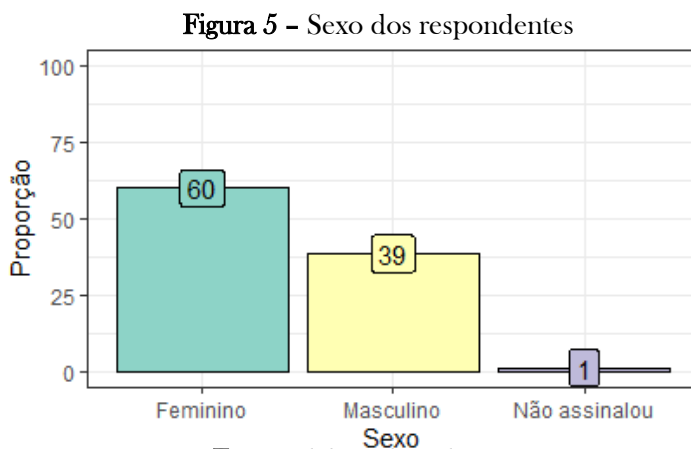
**Figura 4-** Faixa etária dos respondentes



<sup>5</sup> Um informante foi retirado em razão de desistir do questionário na última pergunta.

**Fonte:** elaborado pelo autor.

Quanto ao sexo dos respondentes, a maioria dos participantes da pesquisa indicaram ser do sexo feminino. No formulário apresentado, a pergunta sobre o sexo dos respondentes não era obrigatória, o que permitiria o participante decidir ou não a responder. O motivo por deixá-la em aberto é porque, como não é do foco deste trabalho, discutir questões de gênero, não haveria nenhuma pergunta acerca da identidade de gênero desses falantes. Com isso, a opção metodológica foi perguntar somente sobre o sexo, mas sem a obrigatoriedade da resposta.



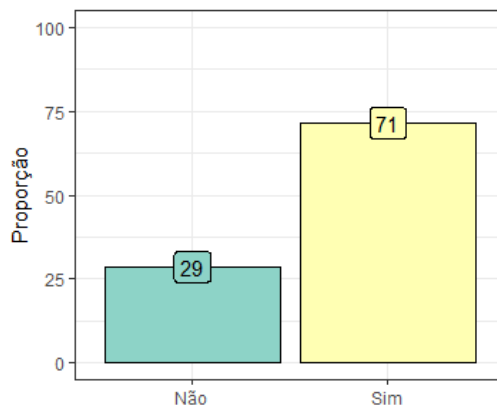
**Fonte:** elaborado pelo autor.

A Figura 5 mostra que as mulheres representam a maioria dos respondentes (60%), ao passo que 39% eram do sexo masculino e 1% dos

participantes, o que equivale a exatamente 2 respondentes, deixaram essa questão em branco. Estudos, como o de Sene (2022), que discutem questões sobre percepção e avaliação sociolinguística, indicam que as mulheres são mais participativas em estudos que necessitam da atenção plena para a experimentação, enquanto os homens são mais resistentes. Essa variável é uma das mais difíceis de manter um controle homogêneo entre pessoas dos dois sexos: masculino e feminino.

Outra informação relevante sobre o perfil social dos respondentes é se os participantes em questão se sentem roraimenses, isto é, se sentem pertencentes a região ou não.

**Figura 6** - Respostas a pergunta “Você se sente pertencente a Roraima? Justifique sua resposta”



**Fonte:** elaborado pelo autor.

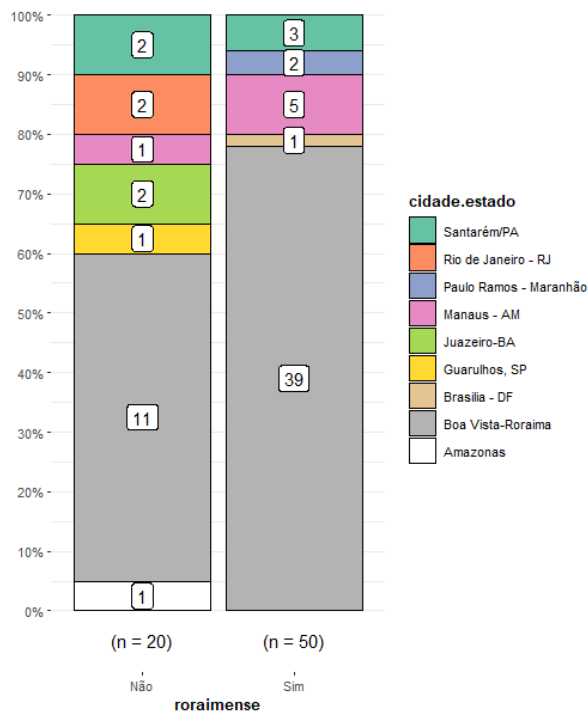
Nota-se que 29% dos participantes indicam que não se sentem roraimenses. As mais variadas justificativas foram apresentadas pelos respondentes ao motivo pelo qual eles não se sentem pertencentes a região, a saber: “*Não. Me considero*



*roraimado, mesmo ter nascido aqui toda minha família de João Pessoa veio para cá*” (INFM09), “*Não, me considero pertencente a minha cidade natal, mas tenho muito apreço por Roraima*” (INFF13), “*Não, mas não vou embora e gosto muito daqui*” (INFM40). Entre as respostas, não é apenas a origem de outro estado que determina se um falante se sente parte da região ou não. Entre as negativas, há aqueles que, mesmo não se identificando como roraimenses, não renunciam à cidade. O mesmo fenômeno ocorre nas respostas afirmativas: alguns respondentes, embora não tenham nascido na região, ainda assim se consideram roraimenses.

Tal aspecto fica mais bem representado no gráfico da figura 7, que apresenta o cruzamento entre: sentir-se roraimense (se sim ou não) e a cidade em que o informante nasceu.

**Figura 7** – Cruzamento das variáveis cidade de nascimento + sentir pertencente à Roraima



**Fonte:** elaborado pelo autor.

O gráfico da figura 7 mostra todas as cidades/estados em que os respondentes do questionário nasceram. Apenas residir na região não é indicativo de sentir-se parte desse espaço, o mesmo para os que se sentem pertencentes. Alguns sequer são da região, mas sentem-se roraimenses. Essa discussão acerca do sentimento de pertencimento e os papéis sociais dos falantes que fazem parte das pesquisas sociolinguísticas ainda não é debatida apropriadamente – pelo menos não no Brasil e nas pesquisas que se conhecem até o presente momento.

Discussões a esse respeito iniciaram-se no âmbito da pesquisa de pós-doutorado do autor e em outras apresentações já realizadas, considerando a pertinência dessas dimensões nas construções de estilos de fala e *personas*, a saber: Sene (2022; 2023). Sobre os referidos conceitos, destaca-se que o sentimento de pertencimento pode remeter a, pelo menos, duas noções diferentes: uma vinculada ao sentimento territorial, relacionado, portanto, a questões políticas, étnicas, sociais e econômicas, também denominada como enraizamento por Lesting (2004); e outra compreendida a partir do sentimento de inserção do falante na dinâmica e no espaço social do local onde ele reside, compreendendo um todo maior, uma dimensão não apenas concreta de ser nascido (ou ter enraizamento na região), mas também a dimensão abstrata e subjetiva (Sene, 2023).

O resultado anterior (fig. 7) é interessante para essa pesquisa, pois ilustra de forma acertada a configuração atual da região, que se caracteriza pela migração

de falantes de vários estados, com destaque a região do Pará, Amazonas, Maranhão, entre outros. Caso a pesquisa em questão optasse por apenas coletar respostas com aqueles originalmente nascidos na região, sem considerar informações relevantes que compõem suas identidades enquanto falantes da região, estaria realizando-se uma fotografia parcial sobre como os indivíduos da região falam. De maneira geral, esse resultado já endossa a importância de incluir essa pergunta no protocolo de produção sociolinguística, já que algumas variáveis linguísticas, dado a sua natureza linguística, podem ser mais estáveis e menos suscetíveis a condicionadores que exigem a consciência dos falantes, como é o caso da variação no preenchimento do sujeito. Todavia, outras estão mais disponíveis para a construção de estilos de fala diferentes e é isso que a empreitada daqueles que irão estudar o falar roraimense devem encerrar.

Uma hipótese importante com base nesse resultado emerge para ser respondida posteriormente: “Falantes que não se sentem roraimenses possuem coesão social nas suas percepções sobre o falar da região e, sobretudo, em sua produção linguística?”. Também vale a pena investigar, ainda, se o comportamento verbal daqueles que se sentem pertencentes à região é muito diferente daqueles que não indicam seu enraizamento com a região. Essas preocupações demandaram, de seus futuros investigadores, ponderar o fato de que as identidades sociais não são fixas, mas fragmentadas (Moita Lopes, 2002), portanto, podem ser mais bem entendidas à luz das práticas estilísticas e papéis sociais desses indivíduos.

Aliado a essa discussão, cabe colocar a dimensão avaliativa como uma importante variável. Um determinado falante pode se posicionar em identidades sociais contrárias do esperado caso suas reações subjetivas indicassem uma relação positiva entre o objeto avaliado e o sujeito que o avalia. Em outras

palavras, um sujeito pode soar menos roraimense ou mais roraimense a depender de como avaliam o próprio modo de falar e, sobretudo, como hierarquizam o seu modo de falar com base nos outros estados brasileiros. É sobre esse aspecto que a seção a seguir visa discutir.

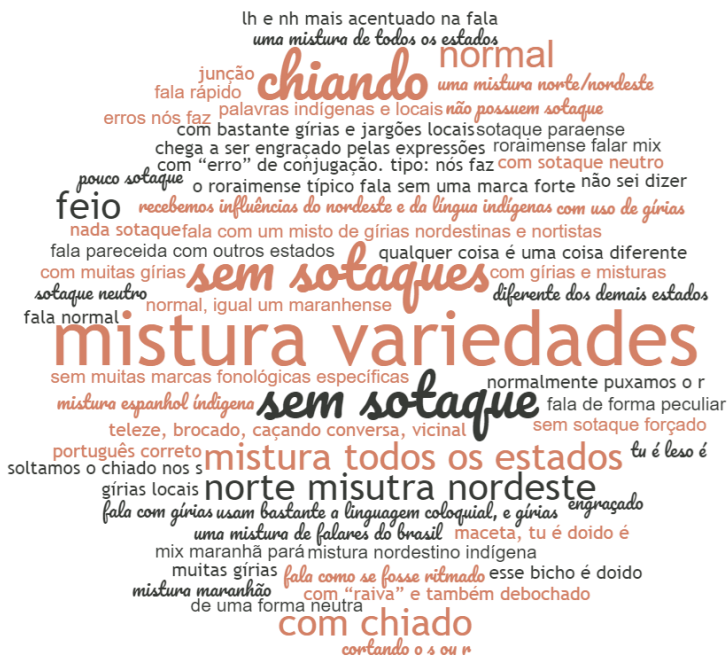
## **AVALIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA: “COMO OS RORAIMENSES ACHAM QUE FALAM”**

O interesse de perscrutar a avaliação sociolinguística dos falantes acerca do seu próprio modo de falar envolve delinear tendências e percepções dos sujeitos participantes com base na sua própria variedade dialetal. Essa avaliação sociolinguística pode potencialmente implicar no comportamento dos falantes e, por conseguinte, o uso objetivo e subjetivo da variação linguística. Nessa avaliação, inclui-se, também, autorrepresentação e a autoavaliação, que tendem a fazer com que o falante identifique a sua variedade com base nas dimensões que ele considera prestigiosas, mas sempre em correlação com outras variedades (Labov, 2008; Cardoso, 2015; Sene, 2019). Isso porque a avaliação sociolinguística inclui a dimensão da oposição, uma variedade é aquilo que a outra não é. Nesse sentido, um falante pode “negar” a sua própria variedade dialetal em caso de não se sentir pertencente à região de investigação ou, ainda, filiar-se à imagem as características regionais da região caso sinta-se parte da região.

Diante disso, cabe-nos investigar as respostas dadas à primeira pergunta do questionário on-line respondido pelos participantes da pesquisa: “Como fala um típico roraimense?”. Na figura 8 apresenta-se uma nuvem de palavras com destaque para os termos mais recorrentes dados pelos participantes da pesquisa. Esse formato de visualização de dados permite-nos compreender o que há de

comum nas 70 respostas fornecidas pelos respondentes, sem ignorar ou padronizar as respostas discursivas dadas à questão.

**Figura 8** – Respostas a pergunta “Como fala um típico roraimense?”



**Fonte:** elaborado pelo autor.

Com base na nuvem de palavras, algumas palavras destacadas com a fonte maior como “mistura de variedades”, “sem sotaque”, “chiando”, “mistura todos os estados”, “norte mistura nordeste”. Os respondentes tendem a não apresentar coesão social em suas respostas, dado que enquanto alguns apontam para a dimensão de uma mistura de variedades dialetais de todo o país, outros indicam que é uma região sem sotaque. Sem o conhecimento sobre o pertencimento dos

sujeitos participantes da pesquisa, esse resultado poderia ser analisado inapropriadamente. Dito de outro modo, não há nenhum problema na concentração de respostas que dizem que a região não possui sotaque e noutras que indicam a sua mistura com outras variedades dialetais.

O sotaque é o conjunto de sons que caracterizam a fala de pessoas que vivem numa dada região ou, ainda, de pessoas que falam uma língua estrangeira. Com base em Matthews (2007), o sotaque é uma variedade de fala que se difere foneticamente de outras variedades. Sendo assim, por ser um conjunto de atributos fonéticos de determinada região, povo ou comunidade, não seria possível dizer que uma dada comunidade linguística não possui sotaque. O que pode acontecer, no caso em questão, é que os traços fonéticos-fonológicos de uma dada variedade dialetal podem não ser salientes para esses falantes, isto é, a fala do outro, que reside na mesma região, pode ser natural a ponto de não ser percebida como distinta ou, ainda, que possua algum traço identitário que a caracterize.

Outra questão que poderia explicar a questão de os sujeitos participantes acreditarem não haver sotaque em Roraima envolve o imaginário social de que só tem sotaque o outro e, sobretudo, aquelas regiões que são frequentemente veiculadas na mídia como o caso do Rio de Janeiro e São Paulo. Por força de coocorrência, as pessoas tendem a falar mais sobre como fala um carioca e um paulistano e menos como os falantes de sua própria região falam, tanto que a quantidade de materiais que tratam sobre esses sotaques é gigante.

No tocante à concepção de mistura dialetal, reitera-se que como a região é caracterizada pela migração de outros estados, os falantes podem ter a sensação de que algumas marcas linguísticas de suas regiões são abandonadas em favor de outras. Isso não significa abandonar, de vez, alguns dos usos, mas misturar

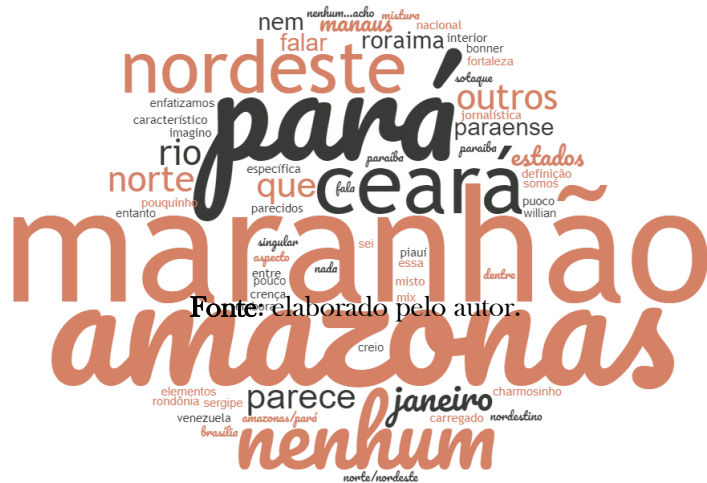


**Fonte:** elaborado pelo autor.

O item lexical mais frequente é o ‘maceta’, que é usado como um adjetivo, no sentido de indicar a grandiosidade de algo como em “Que casa maceta”, semelhante ao uso da expressão “puto” - uso adjetival do substantivo puta - usado em outros estados: “Que puta casa”. Outra palavra indicada pelos sujeitos da pesquisa é o ‘telezé’, abreviação de ‘tu é leso, é?’, muito frequente na região Norte e usado em diferentes contextos. Esse item lexical é frequentemente usado quando os falantes querem dizer que outra pessoa está fora do juízo ou, quem sabe, ‘doida’. Também é possível encontrar um uso no sentido mais conotativo, por exemplo, na sentença “Você vai à escola amanhã?” “Telezé”, no sentido de dizer que “não, tá doida”. Esse item lexical também é associado a outras variedades da região Norte, como Manaus. Vale lembrar que os migrantes para a região de Roraima são, em sua maioria, do Amazonas (Diniz, 2008), o que pode indicar que os falantes dessa região também popularizam o uso da expressão na região de migração. Sobre isso, esclarece-se que manter um léxico que resulta de uma acomodação dialetal, como é o caso do ‘telezé’, aponta para um valor social associado às respectivas variedades de contato, isto é, o falar de Manaus e de Roraima.



**Figura 10** – Respostas a pergunta “Para você, com qual (ou quais) estado do Brasil o falar de Roraima se parece?”



A última questão, do primeiro bloco do questionário, pergunta sobre a proximidade do sotaque de Roraima com outros do Brasil. O objetivo dessa pergunta é verificar se os mesmos estados indicados no relatório de migração em Diniz (2008) são apontados como contribuintes da fala roraimense. Em Diniz (2008), como já apontado, além do Amazonas, Ceará, Maranhã e Pará são os estados de que os migrantes em Roraima são oriundos. Tal resultado está em consonância com as outras informações apresentadas, especialmente no que se refere ao uso de ‘telezé’ e a menção, na figura 8, ao fato de que os falantes roraimenses tendem a falar “chiando”.

As respostas apresentadas indicam que o falar roraimense parece ser resultado da acomodação entre quatro grandes matrizes dialetais, a amazonense, a paraense, a cearense e a maranhense. Esse indicativo é importante para os trabalhos de produção sociolinguística que priorizam os falantes nascidos e

criados na região de Roraima, mas desconsideram o processo de consolidação da região, que é resultante de grandes forças migratórias. Os resultados também indicam a importância da percepção sociolinguística dos sujeitos da pesquisa, afinal a percepção sobre como se configura ou se caracteriza uma dada variedade é, acima de tudo, social e político; não é só a fala, em si, que está sendo alvo de avaliação, é, igualmente, outras informações subjacentes a essa fala: como a região de origem do falante e o seu grau de pertencimento a uma dada região.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

Este estudo discute as avaliações sociolinguísticas dos roraimenses sobre o seu próprio modo de falar. A avaliação dos falantes toma como referência não uma característica linguística em si que foi colocada à disposição dos sujeitos da pesquisa, mas a produção do conhecimento como prática social, integrando a informação de como os falantes acham que falam para a composição de como potencialmente retratar a variedade dialetal de Roraima. Para além do eixo estigma-prestígio, comum nos estudos de avaliação sociolinguística, o presente artigo mostra a quais matrizes dialetais o falar roraimense está associado, bem como atesta indícios de como a variação da região é processada.

Os resultados revelam que há um conjunto de atitudes e sentimentos dos falantes para com suas línguas (Calvet, 2002), essas atitudes acabam por caracterizar pistas importantes a serem observadas pelos estudos que investiguem a produção linguística dos falantes da região. Compreender todo esse repertório, com base na avaliação sociolinguística que os falantes fazem da própria língua, é um passo importante na compreensão de saberes populares e ideologias linguísticas que corroboram para a definição de uma variedade dialetal. Dito de

outro modo, um dado item linguístico só se torna saliente e caracterizador dessa região se a ele não estiver associado nenhum significado social pejorativo, esse é o caso dos itens indicados como caracterizadores do falar roraimense na figura 8.

Por fim, a presente investigação suscita reflexões importantes, mas não respondidas, a cerca do grau de pertencimento dos falantes com a região e o papel dessa variável no processo avaliativo dos participantes da pesquisa. Para uma região com acomodação dialetal de 4 diferentes matrizes regionais, o quanto sentir-se parte ou não da região de Roraima pode influir na percepção sociolinguística desses usuários.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, P. J. P.; BENTES, T. Contatos linguísticos e bilinguismo uni e bimodal entre a Libras e a LSV em Roraima. **Letra Magna (Online)**, v. 14, p. 585-597, 2018.
- BERLINCK, R. A. ; BRANDAO, S. M. ; SENE, M. G. . Desafios e caminhos na compreensão da variação sintática: design de um experimento de percepção. In: Cristina dos Santos Carvalho; Norma da Silva Lopes; Angélica Rodrigues. (Org.). **Sociolinguística e funcionalismo: vertentes e interfaces**. 1ed.Salvador: EDUNEB, 2020, v. 1, p. 23-52
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMPBELL-KIBLER, K. **Listener perceptions of sociolinguistic variables: the case of (ING)**. Tese de Doutorado. Stanford University, 2006.
- CARDOSO, D. P. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.
- DINIZ, A. M. A. Fluxos Migratórios e Formação da Rede Urbana de Roraima. **Geografia (Rio Claro)**, v. 33, p. 269-288, 2008.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, 2008.

- FELTES, H. P. de M. **Modelos Culturais: teoria, estudos e métodos.** Linguagem em (Dis)curso, Tubarão, SC, v. 18, n. 1, pp. 193-213, jan./abr. 2018.
- FREIRE, J. B. **Variação, estilo, atitude e percepção linguística: o caso das laterais /k/ e /l/ no falar paraibano.** João Pessoa: Paraíba, 2016.
- FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G.; ROST-SNICHELOTTO, C. A.; TAVARES, M. A. Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste. **Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura, /S. L./**, v. 18, n. 2, p. 64-84, 2016.  
Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/9166>.  
Acesso em: 13 set. 2024
- GAL, S. Sociolinguistic differentiation. IN: COUPLAND, Nikolas (Ed.). **Sociolinguistics: theoretical debates.** Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p.113-135.
- GAL, S, IRVINE, J. T. **Signs of difference: language and ideology in social life.** Cambridge: Cambridge University Press. 2019. 319 pp.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos,** São Paulo, Parábola. 2008 [1972].
- LESTINGE, S. R. **Olhares de educadores ambientais para estudos do meio e pertencimento.** Tese (doutorado) - Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz.
- MATTHEWS, P. H. **Oxford Concise Dictionary of Linguistics.** Oxford: Oxford University Press, 2007
- MENDES, R. B. **Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal.** Tese de Livre Docência. Universidade de São Paulo, 2018.
- MESQUITA, R. 'Diária o fixo': fotografias sociolinguísticas de Boa Vista-Roraima e as novas perspectivas para as pesquisas do contato linguístico na fronteira. In: CRUZ, Alessandra; ALEIXO, Felipe (Org.). **Roraima entre línguas: contatos linguísticos no universo da tríplice fronteira do extremo-norte brasileiro.** Boa Vista: UFRR, 2020. p. 48-78.
- MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula.** Campinas - SP, Mercado de Letras, 2002, 232p.

- OUSHIRO, L. **Identidade na Pluralidade Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2015.
- OUSHIRO, L. Avaliações e percepções sociolinguísticas. **ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (SÃO PAULO)**, v. 50, p. 318-336, 2021.
- OSGOOD, C. E., SUCCI, G. I., & TANNENBAUM, P. H. (1957). **The measurement of meaning**. Urbana, IL: University of Illinois Press.
- RODRIGUES, A. G. P.. **Ramo rê se rai dá certo: o enfraquecimento da fricativa /v/ no falar de Fortaleza**. Fortaleza, 2013. 170f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.
- SENE, M. G. Percepções sociolinguísticas, avaliações subjetivas e atitudes linguísticas: três domínios complementares. **Revista todas as letras (MACKENZIE)**. Online), v. 21, p. 304-323, 2019.
- SENE, M. GARCIA DE. A percepção sociolinguística e a indicialidade (indireta) de gênero. **REVISTA DA ABRALIN**, v. 19, p. 1-6, 2020
- SENE, M. G. **A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do pitch médio**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2022, 214p.
- SENE, M. G., BIAZOLLI, C. C., BRANDÃO, S. M. “**What Deeply Irritates You**”: Subjective Evaluation and Societal Evidence of (Socio)Linguistic Phenomena. In: Massini-Cagliari, G., Berlinck, R.A., Rodrigues, A. (eds) **Understanding Linguistic Prejudice**. Springer, Cham. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-3-031-25806-0>
- WEINREICH; V.; LABOV; W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].

*Recebido em 01-02-2024.  
Aprovado em 11-08-2024*